

Uma importante e criativa emissora de rádio de São Paulo tem testado o nível de conhecimento dos jovens estudantes da 5ª à 8ª série de uma maneira curiosa: O repórter aborda o aluno na porta da escola, pergunta-lhe a idade e a série que está cursando, faz-lhe a seguir duas perguntas, uma sobre futebol e outra sobre algum personagem da História do Brasil. É muito interessante escutar diálogos como:

- *Que série você está cursando?*
- *Oitava*
- *Quem é Diego Maradona?*
- *Jogador argentino que fez um gol decisivo contra a Inglaterra* (de mão, diga-se de passagem).
- *Quem foi Getúlio Vargas?*
- *Huumm..., acho que foi deputado em São Paulo.*

Ou como:

- *Que série você está cursando?*
- *Sétima*
- *Quem é Zinedine Zidane?*
- *Jogador da França que jogou contra o Brasil e depois deu uma cabeçada em um adversário.*
- *Quem foi D. Pedro II?*
- *Essa é fácil, é o Papa.*

Recorrendo a um lugar comum, seria engraçada, se não fosse trágica, essa imagem de nosso ensino médio; no entanto, o mais trágico é que essa ignorância impermeável não é uma curiosa manifestação de alunos despreparados do ensino médio, mas uma realidade perfeitamente observável nos alunos universitários de Medicina e, tememos, da maioria das escolas superiores.

Um de nós, há alguns meses, ao discutir o caso clínico de um paciente com um grupo de residentes e estagiários de uma das melhores escolas médicas do Brasil, teve um susto: o paciente era um senhor muito idoso, negro, com uma barba branca patriarcal e com a doçura no falar e as histórias longas e saborosas do interior de Minas Gerais. Ao começar a discussão,

já na sala de reuniões, o professor brincou: “*Precisamos cuidar bem do senhor fulano porque ele não é daqui; na verdade ele parece morar em algum conto do Guimarães Rosa e deverá ficar bom para poder voltar para lá*”. Criou-se um mudo desconforto na platéia. Ninguém sabia a que o professor se referia e este, temendo o pior, perguntou: “*Vocês sabem quem foi o João Guimarães Rosa não é? Meu Deus do céu, e, ainda por cima ele era médico!*” E encerrou a sessão antes que algum dos alunos, movido pelo desespero, desse algum “chute” que pudesse lesar a majestade de um dos maiores nomes da literatura mundial do século XX.

Que reflexos podemos esperar deste completo despreparo, em termos de conhecimentos gerais e temas de atualidade, em nossos estudantes? O primeiro e o mais importante, principalmente para os que estudam Medicina e terão que conviver com a história e a intimidade das pessoas, é a total alienação em termos de realidade presente e vivida, principalmente quando se lida com idosos, que representam a maior parte das pessoas que ficam doentes.

À parte do vocabulário, verdadeiramente neandertalesco, que observamos, mesmo em estudantes de fim de curso em universidades de ponta (tá, é, fui, valeu, é isso aí, falou, tio(a) etc.) a comunicação fica praticamente impossível quando não se conhece um mínimo das condições, mesmo históricas, em que o(a) paciente viveu. (“*Qué dizê que o seu pai morreu na revolução de 24 né vó? E o qué que foi esse negócio?*”). Dá para uma senhora de 90 anos manter algum diálogo, abrir-se, contar seus problemas e confiar em alguém que não conhece nada sobre seus valores e história? Você confiaria?

As bases do diagnóstico e da terapêutica dependem, além de um sólido treinamento técnico em semiologia, patologia, fisiopatologia e farmacologia, de uma integração e empatia particular e profunda entre médico e paciente. Há que se ter uma parceria, uma cumplicidade que permita a ambos aliarem-se para conhecer e combater os males, físicos ou morais, que molestam, incomodam o paciente; e esta parceria depende essencialmente de comunicação, da ação de ser como uma unidade, de ser comunidade.

Por outro lado, as múltiplas facetas das emoções, dos sofrimentos e das alegrias, muitas vezes escapam da possibilidade descritiva do linguajar comum, mesmo rico, e entram no domínio da arte que funciona como metalinguagem. Já Aristóteles afirma que a perplexidade perante o senso não percebido em alguma faceta da realidade é que gera a filosofia e a arte.¹ Corroborando, diz uma antiga trova espanhola “*Es la hora de la guardia, el Amor pasa. Hay que romper a cantar porque con hablar no basta*”^{**} (É a hora da vigília e o Amor passa. Há que se pôr a cantar porque o falar não basta).

A compreensão do mundo das emoções, onde moram nossos pacientes e a comunicação adequada com pessoas de culturas distintas exigem um treinamento urgente em nossos estudantes. A estruturação de formação em humanidades, não como um verniz desejável, mas como um instrumento necessário para a comunicação e a compreensão da realidade além do exprimível, deveria ter começado ontem, assim como o ensino de História, pelo menos a do século XX, onde viveram e adoeceram nossos idosos.

A alternativa é termos uma quantidade de profissionais cada vez mais despreparados, dependendo das bênçãos e das orações de Dom Pedro II.

Olavo Pires de Camargo. Professor titular. Chefe de Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Luiz Eugênio Garcez Leme. Professor livre-docente e associado. Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. E-mail: lueglem@usp.br.

INFORMAÇÕES

Local onde foi produzido o manuscrito: Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo
Rua Barata Ribeiro, 490 — 3º andar — Conjunto 33 — Bela Vista
São Paulo (SP) — CEP 01308-000
Tel. (11) 3123-5620
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada.

Conflito de interesse: nenhum declarado.

REFERÊNCIAS

1. Carvalho O. Apostilas do Seminário de Filosofia: Pensamento e atualidade de Aristóteles: Primeira Aula. Transcrição de: Heloísa Madeira, João Augusto Madeira e Kátia Torres Ribeiro. Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, 15 de março de 1994. Disponível no site: http://www.olavodecarvalho.org/apostilas/pensaris1_1.htm. Acessado em 2007 [20 Mai].

Data de entrada: 13/6/2007

Data da última modificação: 13/6/2007

Data de aceitação: 15/8/2007

^{**}El Amor Pasa – Canção espanhola. Comunicação pessoal.